

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
LADO B.B.
1 e 14 de outubro de 2026

MISTER SUN / 1968

um teledisco de François Reichenbach

Realização: François Reichenbach / **Autoria da Letra da Canção Original:** Jean-Max Rivière / **Intérprete:** Brigitte Bardot / **Produção:** Les Films du Quadrangle / **Cópia:** Digital, a cores, cantado em francês / **Duração:** 4 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

ET DIEU... CRÉA LA FEMME / 1956

(E Deus... Criou a Mulher)

um filme de Roger Vadim

Realização: Roger Vadim / **Argumento:** Roger Vadim, Raoul Levy / **Fotografia:** Armand Thirard / **Música:** Paul Misraki, dirigida por Marc Lanjean / **Montagem:** Victoria Mercanton / **Direção Artística:** Jean André / **Intérpretes:** Brigitte Bardot (Juliette Hardy), Curd Jurgens (Eric Carradine), Jean-Louis Trintignant (Michel Tardieu), Christian Marquand (Antoine Tardieu), Georges Poujouly (Christian Tardieu), Jeanne Marken (Sra. Morin), Isabelle Corey (Lucienne), Jean Lefebvre (René), Philippe Grenier (Perri), Jaqueline Ventura (Sra. Vigier-Lefranc), Jean Tissier (Vigier-Lefranc), Mary Glory (Sra. Tardieu), Leopoldo Francês (bailarino)

Produção: Raoul Levy, para Iena-Films, UCIL, Cocinor / **Cópia:** DCP, cores, legendada eletronicamente em português, 91 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 28 de Novembro de 1956 / **Estreia em Portugal:** Avis e Roma, em 14 de Janeiro de 1971.

Duração total da projeção: 95 minutos.

Aviso: ao início desta sessão, projeta-se um “videoclipe-surpresa” identificado neste cabeçalho.

Pelas mãos de Roger Vadim nasce em 1956 um novo símbolo sexual no mundo do cinema: Brigitte Bardot, ou, muito simplesmente, B.B. **Et Dieu...Créa la Femme** não era a sua estreia no cinema. Esta verificara-se três anos antes num pequeno papel em **Le Trou Normand** de Jean Boyer. Já estava então casada com Vadim que lhe foi orientando a carreira, numa série de filmes esquecidos de que alguns foram “recuperados” aquando do seu triunfo. Em 1956 ela tornara-se já um rosto conhecido, subindo paulatinamente no escalão de papéis secundários até ao lugar de primeiro plano ao lado da vedeta masculina, não só em produção francesas, mas também italianas e de língua inglesa (onde se destaca um pequeno papel ao lado de Kirk Douglas em **Act of Love/Um Gesto de Amor** (1953) de Anatole Litvak, e o papel de Cassandra em **Helen of Troy/Helena de Tróia** (1955), de Robert Wise, e já o papel principal, ao lado de Dirk Bogarde, na popular comédia britânica **Doctor at Sea/Uma Garota a Bordo**, de Ralph Thomas, no mesmo ano). Mas até então ninguém vira na jovem mais do que uma bonita e sensual candidata a atriz, ninguém se apercebia do que fazia a “diferença” (“*Viva a diferença*”, como diria Billy Wilder, mas noutro sentido!, em **Some Like It Hot**) entre Brigitte Bardot e outras suas contemporâneas (Françoise Arnoul, Dany Robin, por exemplo, ou mesmo Martine Carol, entre outras). Brigitte anunciava algo de novo, uma nova forma de estar e de viver, aberta, provocante e uma amoralidade que era, antes de mais, a recusa de códigos e regras de comportamento, a busca do prazer e da satisfação

imediatamente, sem preocupações com o futuro (a geração do pós-guerra que quer aproveitar a vida de forma imediata e que Jacques Becker já retratara em **Rendez-Vous de Juillet**, e que encontramos também na fabulosa retrato de Mónica feito por Ingmar Bergman em, 1952: **Sommaren Med Monika/Mónica e o Desejo**).

Vadim tinha olhos para ver e procurava todas as oportunidades para mostrar o que ele via (generoso, mostrou, e bem!, logo nos primeiros planos de **Et Dieu...Créa la Femme**). Assim fez com as alterações consideráveis destinadas a destacar a mulher, que fez no argumento em que colaborou no filme de Marc Allegret, **Futures Vedettes**, que lhe dava uma faceta mais irreverente e erótica do que até então mostrara. Michel Boisrond, outro novo cineasta desta geração intermédia entre a clássica e a da Nouvelle Vague que germinava, percebeu a deixa ao dirigi-la na comédia **Cette Sacrée Gamine/Um Diabo de Saias**, o filme que antecede a explosão que abalou o mundo do *star-system*.

Vadim decidiu, então, fazer aquilo que ninguém mais parecia conseguir. Feito com pouco dinheiro e com muita desconfiança por parte dos produtores (*et pour cause*, na medida em que o argumento nada tinha de especial e os actores também não), **Et Dieu... Créa la Femme**, acaba por se distinguir também pelo seu estilo. Há nas imagens que capta de Saint Tropez (com a belíssima fotografia de Armand Thirard), em Scope e a cores, uma outra atmosfera, uma luz mais "solar" e brilhante que se tornará uma marca do cinema futuro da Nouvelle Vague (e lembro a obra-prima de Godard, **Le Mépris/O Desprezo**, também com BB, ou **À Double Tour/Pedido de Divórcio**, de Claude Chabrol) ou cineastas que exploram o mesmo estilo (**Plein Soleil/À Luz do Sol**, de René Clement, por exemplo). Há também uma espontaneidade que contrasta com o estilo "emperrado" do *cinéma de papa*, tanto no papel mais livre da câmara como na presença de BB, na sua disponibilidade face à câmara que não se resume apenas a uma exposição física. Neste último caso o começo do filme poderia ser um autêntico programa: apostado em revelá-la, Vadim dá-nos um plano que ocupa todo o espaço do Scope, com o corpo nu de BB (podia-se repetir o que se disse a propósito da criação do Cinemascope para mostrar os corpos alongados das estrelas em poses sexy), enquanto por detrás do lençol vemos a silhueta de Curd Jurgens. Nada podia ser mais sugestivo nesta imagem de um inocente e quase grosseiro erotismo: a exposição, o desejo e a inconsciente manipulação. É pena que o argumento (bastante fraco) não tenha ousado explorar esta relação que desde logo anuncia, a de uma Lolita com o velho empresário. O que fica a pairar é apenas o desejo de Eric Carradine (Curd Jurgens) que nunca se concretiza, espécie de fantoche consentido nas mãos de Juliette (BB), mas mesmo nesta situação o filme promete mais do que dá e fica também aquém do que podia ter sido, uma "revisão" de **La Femme et le Pantin** ou do filme **The Devil is a Woman** (terá sido por isso que compararam a relação Vadim-BB à de Sternberg-Marlène?). Esta relação temática foi apercebida por outros na medida em que BB iria interpretar em 1959 uma nova versão do romance de Pierre Louys, **La Femme et le Pantin/A Mulher e o Fantoche**, de Julien Duvivier, em que Don Matteo era interpretado por António Vilar.

Mas é a sequência do cha-cha-cha a marca mais distinta do filme, aquela que expõe, desde logo, a própria figura real da actriz, com a poderosa carga erótica que contém a mistura de música e dança de BB, e a forma provocatória como se move entre as três figuras masculinas, Jurgens-Marquand e Trintignant. De facto, ao que parece, Vadim não faz mais do que encenar as atribuladas relações com a mulher que tinham chegado ao fim (o início das filmagens, a 3 de Maio de 1956, coincidiu com o começo da acção de divórcio no casal) e paixões que ela terá provocado (e acicatado) com outros parceiros, em especial Trintignant, numa cena bem conhecida (a que em que BB abre os braços e o lençol que lhe envolve o corpo, e que adivinhamos estar nu, e o envolve num abraço e beijo apaixonado que se prolongou muito para além do "*Coupez*" de Vadim). De certo modo **Et Dieu...Créa la Femme** pode ser visto como uma espécie de "cinema-verdade", com Vadim limitando-se a registar, de maneira documental, os gestos e forma de se mostrar e exhibir de uma rapariga do seu tempo que iria marcar uma geração.

Manuel Cintra Ferreira